

# Editorial

## Pastoreio, história e historiografia

Mário Maestri\*

O Rio Grande do Sul foi uma espécie de dádiva do gado. Pastagens nativas fecundas e clima relativamente favorável à criação animal permitiram civilização missioneira apoiada fortemente no pastoreio extensivo e, muito logo, a longeva sociedade pastoril sul-brasileira.<sup>1</sup> Ainda que a primeira história da formação social rio-grandense não possa ser reduzida às práticas pastoris, mais do que em qualquer outra parte do Brasil, elas conformaram a gênese, o desenvolvimento e a consolidação dessas regiões e sua integração ao resto do país.

Foi extremamente forte a determinação pastoril do Rio Grande. Mesmo após a instalação, desde 1824, da verdadeira “brecha camponesa” no mundo pastoril-latifundiário dominante, que singularizou profundamente o extremo-sul em relação ao resto do Brasil, a tradição criatória perseverou como referência das representações regionais.<sup>2</sup> Os rio-grandenses, de ambos

os sexos, terminaram designados pelo nome do autóctone pampiano surgido no contexto da dispersão dos gados na bacia do Prata – o “gaúcho”.

Entretanto, a sociedade pastoril sulina jamais foi objeto de estudos profundos e sistemáticos, apesar de rica e valiosa bibliografia sobre o tema.<sup>3</sup> Em contradição com a enorme importância dessa realidade, não dispomos ainda de histórias gerais da fazenda rio-grandense, semelhantes aos valiosos trabalhos referentes ao tema no Uruguai e Argentina, regiões de grande identidade geocológica e socioeconômica com o Rio Grande do Sul.<sup>4</sup>

São, possivelmente, várias as razões dessa disparidade. O Uruguai e a Argentina constituíram-se como nações enquanto o Rio Grande formou-se apenas como “periferia” do Estado nacional brasileiro, merecedora de atenção marginal por parte da histo-

---

\* Doutor, Professor do PPGH em História da UPF.

riografia brasileira. Ainda hoje, o Litoral Sul, a Campanha e a Fronteira, coração da sociedade pastoril sulina no passado e no presente, não contam com programas de pós-graduação no campo da história, concentrados em Porto Alegre.

Por longos anos, reunidos no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul [1920], oficiais militares, advogados, médicos, sacerdotes, fazendeiros, etc. produziram as primeiras interpretações sobre o passado rio-grandense. Para além das eventuais divergências políticas do gênero “republicanos” *versus* “libertadores”, esses primeiros ínclitos historiadores convergiram sem contradições na construção de visões socialmente integradoras da sociedade regional.

Mesmo se encontrando o Rio Grande entre as principais capitânicas e províncias escravistas, a escravidão foi literalmente expurgada do passado sulino pela historiografia tradicional, que lhe concedeu, quando muito, tratamento folclórico, cultural e antropológico marginal.<sup>5</sup> Tal procedimento tornou-se obsessão ao se tratar a estância, alicerce das representações regionais oficiais.<sup>6</sup> E isso apesar da consciência entre os intelectuais orgânicos de escol do estado regional sobre a centralidade do trabalho escravizado nas práticas pastoris dominantes.<sup>7</sup>

Nos últimos anos, finalmente, historiadores abordam de forma

sistemática a economia pastoril rio-grandense dos séculos 18, 19 e 20, sobretudo em dissertações de mestrado e teses de doutoramento.<sup>8</sup> No Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, igualmente, foram concluídos ou encontram-se em conclusão trabalhos sobre a produção criatória extensiva no Sul e nos departamentos setentrionais do Uruguai, extensão singular da sociedade pastoril rio-grandense.<sup>9</sup>

Entre outros aspectos, esses trabalhos assinalam o perfil fortemente escravista como a grande diferenciação das práticas pastoris sulinas em relação às atividades congêneres hispano-americanas, sobretudo a partir das primeiras décadas do século 19. Revelam, igualmente, o caráter necessário da mão-de-obra escravizada na produção pastoril dominante, realidade complexa ainda não desvelada em todos seus aspectos essenciais. Sobre tudo, a escravidão no pastoreio surge como a “pedra-chave” da robusta formação social escravista rio-grandense, tornando crescentemente perceptível essa determinação essencial do passado rio-grandense pré-Abolição.<sup>10</sup>

Ao racionalizarem e refinarem as visões de mundo das classes proprietárias pastoris, os intelectuais orgânicos sulinos apoiaram-se fortemente na produção cultural do Plata, espaço de maior consistência, como apenas registrado.<sup>11</sup> Esse fenômeno contribuiu,

igualmente, para a espécie de limpeza étnico-social realizada no que se refere à produção pastoril do Rio Grande do Sul, anterior a 1888, em virtude da superação bem mais precoce do trabalho escravizado nas margens do Prata. A dependência ideológica rio-grandense daquele espaço sociocultural exige ainda maior elucidação.

As visões apologéticas e socialmente integradoras das práticas sociais na produção pastoril surgem em diversas outras regiões do Brasil onde a economia criatória desempenhou igualmente papel relevante, com singular simetria em relação ao Rio Grande do Sul. Em geral, também essas regiões se mostram fortemente carentes de estudos sistemáticos referentes à atividade pastoril. Uma realidade que aponta para a necessidade do estudo da sociedade criatória extensiva sulina nos quadros mais amplos do Prata e das regiões do Brasil dedicadas igualmente às práticas pastoris latifundiárias.

\*\*\*

Com o escopo de enfrentar em forma integrada o estudo da economia pastoril em três regiões do Brasil onde desempenharam papel essencial, encetou-se o projeto de pesquisa “A produção pastoril no Piauí, no Mato Grosso do Sul e no Rio Grande do Sul, de 1780 a 1930: um estudo comparado” [Edital Universal MCT/CNPq - Nº 15/2007/2007], coordenado pelo PPGH da

UPF, envolvendo tradicionais e novos pesquisadores da história social e econômica daquelas três regiões.

Parte das atividades iniciais do citado projeto, o presente *dossier* sobre a fazenda pastoril e atividades conexas reúne trabalhos centrados nas três regiões delimitadas, de autoria de pesquisadores integrantes daquela iniciativa ou convidados, além de valioso artigo sobre a escravidão nas fazendas jesuíticas paraguaias, que registra, mais uma vez, a singularidade do Paraguai, não apenas em relação à sociedade brasileira.

## Notas

- <sup>1</sup> Cf., entre outros, Cf. BRUXEL, Arnaldo. *Os trinta povos guaranis: panorama histórico-institucional*. Porto Alegre: Sulina; Caxias do Sul: UCS, EST, 1978; DALCIN, Ignácio. *Em busca de uma terra sem males*. Porto Alegre: Palmarinca, EST, 1993; PORTO, Aurélio. *História das missões orientais do Uruguai*. 2. ed. rev. e melhorada pelo p. L.G. Jaeger. Porto Alegre: Selbach, 1954. I e II.
- <sup>2</sup> Cf., entre outros, MAESTRI, Mário. *Os senhores da Serra: a colonização italiana do Rio Grande do Sul*. 2. ed. rev. e ampl. Passo Fundo: EdiUPF, 2005; ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.; WENCZENOVICZ, Thaís Janaína. *Montanhas que furam nuvens: imigração polonesa em Áurea – (1910-1945)*. Passo Fundo: UPF, 2002.
- <sup>3</sup> Cf., entre outros, PONT, Raul. *Campos realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Renascença, 1983; GOMES, Aristides de Moraes. *Fundação e evolução das estâncias serranas*. Curz Alta: Mercúrio, 1970.
- <sup>4</sup> Cf., entre outros, ASSUNÇÃO, F. O. *Historia del gaucho*. Buenos Aires: Claridad, 1999; BARSKY, O. *Historia del capitalismo agrario pampeano: la expansión ganadera hasta 1895*. I. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003; SESTO, C. *Historia del capita-*

- lismo agrario pampeano: la vanguardia ganadera bonaerense. 1856-1900. II.* Buenos Aires: Siglo XXI, 2005; GELMAN, J.; SANTILLI, D. *Historia del capitalismo agrario pampeano: de Rivadavia a Rosas. Desigualdad y crecimiento económico.* Buenos Aires: Siglo XXI, 2006; BERTOLINO, M.; CASTELLANOS, A. R. *Breve historia de la ganadería en el Uruguay.* Montevideo: Banco de Crédito, 1972; CARREÑO, Virginia. *Estancias y estancieros del río de la Plata.* Buenos Aires: Claridad, 1999; DOTTA, M.; FREIRE, D.; RODRIGUEZ, Nelson. *El Uruguay ganadero: de la explotación primitiva a crisis actual.* Montevideo: La Banda Oriental, 1974; GIBERTI, H. C. E. *Historia económica de la ganadería argentina.* 2. ed. rev. e corr. Buenos Aires: Solar, 1986; HORA, Roy. *Los terratenientes de la pampa argentina: una historia social y política, 1860-1945.* Buenos Aires: Siglo XXI, 2005; MAYO, C. A. *Estancia y sociedad en la pampa (1740-1820).* 2. ed. Buenos Aires: Biblos, 2004; MONTOYA, A. J. *Como evolucionó la ganadería en la época del virreinato.* Buenos Aires: Plus Ultra, 1984; \_\_\_\_\_. *Historia de los saladeros argentinos.* Buenos Aires: El Coloquio, 1970; \_\_\_\_\_. *La ganadería y la industria de salazón de carnes en el periodo 1810-1862.* Buenos Aires: El Coloquio, 1971; PINTOS, A. B. *De las vaqueiras al alambrado: contribución a la historia rural uruguaya.* Montevideo: Nuevo Mundo, 1967; QUESADA, M. S. *Los estancieros.* 2. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1991; REGUERA, A. *Patrón de estancias: Ramón Santamarina: una biografía de fortuna y poder en la Pampa.* Buenos Aires: Eudeba, 2006; SBARRA, N. H. *Historia del alambrado en la Argentina.* Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1964.
- <sup>5</sup> Cf. MAESTRI, Mário. História e historiografia do trabalhador escravizado no Rio Grande do Sul [1819-2006]. In: Los Estudios Afroamericanos y Africanos en America Latina. Herancia, presencia y visiones del otro, 2008, Savador, Bahia. *Los Estudios Afroamericanos Y African-*
- so en America Latina: Herancia, Presencia y Visiones del Otro.* Buenos Aires: Ferreyra Editor/CLACSo, 2008. p. 53-88.
- <sup>6</sup> Cf. GOULART, Jorge Salis. *A formação do Rio Grande do Sul: geographia social, geographia da história, psychologia social e sociologia.* Pelotas: Globo/Bertaso, 1927.
- <sup>7</sup> Cf., por exemplo, XAVIER, Paulo. Mapa numérico das estâncias nos municípios da povíncia. *Correio do Povo*, Suplemento Rural, 17 de março de 1978, p. 5; CESAR, Guilhermino. *Origens da economia gaúcha: o boi e o poder.* Porto Alegre: IEL; Corag, 2005. p. 82, 105, 113 *et passim*; \_\_\_\_\_. *O conde de Piratini e a Estância da Música: administração de um latifúndio rio-grandense em 1832.* Porto Alegre: EST, IEL; Caxias do Sul: EdiUCS, 1978.
- <sup>8</sup> Cf., entre outros, ZARTH, P. A. *História agrária do Planalto Gaúcho. 1850-1920.* Ijuí: EdiIJUÍ, 1997; FARINATI, Luís E. *Confins meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil. 1825-65.* Niterói: PPGH UFF, 2007. (doutorado).
- <sup>9</sup> Cf. entre outros, SILVA, Nery Luiz Auler da. *Antigas fazendas: arquitetura rural do Planalto Médio. Séc. XIX.* Passo Fundo: Edição do Autor, 2003; EIFERT, Maria Beatriz Chini. *Marcas da escravidão nas fazendas pastoril de Soledade: 1867-1883.* Passo Fundo: UPF Editora, 2007; DAL BOSCO, Setembrino. *Fazendas pastoris no Rio Grande do Sul: 1780-1888.* PPGH-UPF, dezembro de 2008. (Mestrado); PALERMO, Eduardo Ramón. *Tierra esclavizada: El Norte uruguayo en la primera mitad del siglo 19.* PPGH-UPF, 2008. (Mestrado)
- <sup>10</sup> Cf. MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade.* 3. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EdiUFRGS, 2006.
- <sup>11</sup> Cf. SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie no pampa argentino.* [1845]. Trad. de A. G. Schlee. Porto Alegre: EdUFRGS/EdiPUCRS, 1996.